

O QUE É CULTURA DE SEGURANÇA?

UMA CULTURA DE SEGURANÇA É UM CONJUNTO DE COSTUMES COMPARTILHADOS POR

UMA COMUNIDADE QUE PODE TER INTEGRANTES VISADAS PELO GOVERNO, E PLANEJADOS

PARA DIMINUIR RISCOS.

Ter uma cultura de segurança ativa poupa todo mundo do problema de ter que criar medidas de segurança do zero, e pode ajudar a contornar a paranoia e o pânico em situações de estresse – e, claro, também pode manter você fora da prisão. A diferença entre protocolo e cultura é que a cultura se torna inconsciente, instintiva e, portanto, sem esforço: quando o comportamento mais seguro possível se torna habitual em todos os círculos pelos quais você transita, você pode gastar menos tempo e energia enfatizando a necessidade dele, ou sofrendo as consequências de não o ter, ou se preocupando com o quanto você já está em perigo, já que você sabe que já está fazendo tudo o que pode para ser cuidadosa*. Se você tiver o hábito de não entregar algo delicado sobre si, poderá colaborar com estranhas sem ter de agonizar sobre se são ou não infiltradas; se todas souberem o que se deve ou não falar ao telefone, seus inimigos podem grampear as linhas o quanto quiserem e não vão pegar nada.

O PRINCÍPIO CENTRAL DE TODA CULTURA DE SEGURANÇA É QUE AS PESSOAS NUNCA

DEVEM SER CÚMPLICES DE INFORMAÇÃO SIGILOSA DE QUE NÃO PRECISEM SABER.

Quanto mais gente souber de algo que possa colocar pessoas ou projetos em risco – seja a identidade de uma pessoa que cometeu um ato ilegal, o local de uma reunião secreta, ou o plano de uma atividade futura - mais chances haverá de informações caírem em mãos erradas.

Compartilhar esse tipo de informação com quem não precisa prejudica tanto a elas quanto a quem é posto em risco: coloca-as na situação desconfortável de serem capazes de atrapalhar a vida de outras pessoas com um único passo em falso.

Se forem interrogadas, por exemplo, terão algo a esconder, ao invés de poderem alegar honestamente que não sabem de nada.

NÃO PERGUNTE, NÃO DIGA.

Não peça a outras que compartilhem informação confidencial de que você não precisa saber.

Não se gabe de coisas ilegais que você ou que outras pessoas fizeram, não mencione coisas que vão acontecer ou podem acontecer, nem se refira ao interesse de outra pessoa em participar dessas atividades. Tome cuidado sempre que falar pra não comprometer alguma coisa ou pessoa sem pensar.

VOCÊ PODE DIZER NÃO A QUALQUER HORA, PRA QUALQUER PESSOA, SOBRE QUALQUER COISA.

Não responda a quaisquer perguntas que você não queira responder - não apenas à polícia, mas também a outros ativistas e mesmo amigos íntimos: se existe algo que você não se sente segura pra compartilhar, não compartilhe. Isto também significa não estranhar quando outras pessoas não responderem perguntas; se houver uma conversa que querem manter entre elas, não tome como algo pessoal: é bom pra todo mundo que sejam livres pra fazer isso. Da mesma forma, não participe de qualquer projeto no qual você não se sinta bem, nem colabore com quem você se sente pouco à vontade, nem ignore sua coragem em qualquer situação; se algo der errado e você se meter em problemas, não terá do que se arrepender. Você é responsável por não deixar ninguém falar em

assumir riscos que você ainda não esteja pronta pra encarar.

NÃO JOGUE SEUS AMIGOS PRA CIMA DE SEUS INIMIGOS.

Se capturada, nunca, jamais entregue qualquer informação que possa por em perigo alguém mais. Alguns recomendam que um juramento explícito seja feito por todas as participantes em um grupo de ação direta: dessa forma, na pior das hipóteses, quando a pressão pode tornar difícil a distinção entre dar alguns detalhes inofensivos e entregar tudo, todas as pessoas saberão exatamente quais compromissos assumiram umas com as outras.

NÃO FACILITE QUE SEUS INIMIGOS DESCUBRAM O QUE VOCÊ PLANEJA FAZER

Não seja muito previsível nos métodos que você usa, ou em alvos que você escolhe, ou momentos e lugares em que você se reúne para discutir coisas. Não fique muito visível em meio à luta em que você realiza suas mais sérias ações diretas de caráter público: retire seu nome de listas de e-mails e mantenha-o fora da mídia, e talvez seja bom evitar associação com organizações de visibilidade pública e campanhas de qualquer tipo. Se você está envolvida, com outras companheiras, em atividades clandestinas realmente sérias, considere limitar suas interações em público, senão evitá-las completamente: investigadores podem facilmente obter acesso aos números discados no seu telefone, e usarão essa lista para estabelecer conexões entre indivíduos; o mesmo vale para seu e-mail, os livros que você pega em bibliotecas, e especialmente sites e redes sociais como Orkut, Facebook e Myspace. Não deixe rastros: o uso de cartão de compras e ligações de celular deixa lembranças de seus movimentos e contatos. Tenha uma história de fachada apoiada em fatos verificáveis, se você precisar de uma. Cuidado com o que seu lixo pode revelar sobre você: freegans não são os únicos que reviram lixeiras.

Mantenha consigo cada documento escrito ou cópia incriminatória - guarde todos em um só lugar, assim você evita perder tudo acidentalmente – e destrua-os logo que você não precisar mais deles. Quanto menos você existir, melhor: acostume-se a usar sua memória. Assegure-se de que não existe algum fantasma de algo que você escreveu em impressões na superfície em que você escreveu, seja em mesas de madeira ou em blocos de papel.

LEMBRE QUE CADA USO DE COMPUTADORES DEIXA RASTROS TAMBÉM...

NÃO SAIA FALANDO DE IDEIAS DE AÇÃO DIRETA EM PÚBLICO SE VOCÊ PODE QUERER TENTAR REALIZÁ-LAS ALGUM DIA.

Espere para propor uma idéia até que você possa juntar um grupo de indivíduos que você acredite que estará interessado em tentá-la; com exceção da comparsa íntima com quem você tem conversas profundas e esmiúça detalhes antecipadamente, com segurança, fora de sua casa e longe de companhia mista, é claro. Não proponha sua ideia até que você ache que é a hora certa pra tentá-la. Convide apenas aquelas que você acha mesmo que vão querer participar – todas que você convidar e que acabarem não participando são um risco de segurança desnecessário, e isso pode ser um problema pior se elas virem a atividade proposta como uma piada, ou como moralmente errada. Só convide pessoas que mantenham segredos – isto é muito importante, quer decidam participar ou não.

DESENVOLVA UM SISTEMA SECRETO DE SINAIS E ABREVIATURAS PARA COMUNICAR COM SUAS COMPARSAS EM PÚBLICO.

É importante trabalhar um jeito de se comunicar sorrateiramente com seus amigos de confiança sobre temas de segurança e níveis de conforto em

situações públicas, bem como num encontro chamado para discutir possíveis ações diretas. Saber como avaliar os sentimentos umas das outras, sem que percebam que você está passando mensagens de lá pra cá, pode lhe poupar a dor de cabeça de tentar adivinhar os pensamentos de cada qual a respeito de uma situação ou indivíduo, e te ajuda a evitar atos estranhos quando você não puder, no meio das coisas, chamar seu amigo de canto para comparar impressões. Quando convocar um grupo maior para propor um plano de ação, você e seus amigos devem ter claras quais são as intenções de cada um, sua disposição para correr riscos, seus níveis de comprometimento e opiniões, isso para economizar tempo e evitar ambiguidades desnecessárias. Se você nunca participou de um círculo de planejamento de ações diretas, ficará surpresa com o modo como as coisas podem se tornar complicadas e conturbadas, mesmo quando todas chegam preparadas.

DESENVOLVA MÉTODOS PARA ESTABELECE O NÍVEL DE SEGURANÇA DE UM GRUPO OU SITUAÇÃO.

Um procedimento rápido a que se pode recorrer ao iniciar uma reunião maior na qual nem todos os presentes são conhecidos é o jogo do "boto fé": assim que cada pessoa se apresentar, todos os que podem confirmá-la erguem suas mãos. Confirme apenas aquelas que seguramente são conhecidas e merecedoras da sua confiança. O esperado é que cada uma esteja conectada às outras por alguns vínculos no grupo; de qualquer forma, pelo menos todos deveriam saber a quantas andam as coisas. A ativista que entende a importância de uma boa cultura de segurança não se sentirá insultada em tal situação, caso não haja alguém presente que possa botar fé nela e os outros a convidarem a deixar o local.

O LOCAL DE ENCONTRO É UM FATOR IMPORTANTE NA SEGURANÇA.

Você não quer um lugar que possa ser monitorado (residências privadas), você não quer um lugar onde vocês possam ser observadas todas juntas (o estacionamento perto do local da ação do dia seguinte), você não quer um lugar no qual vocês possam ser vistas entrando e saindo, ou em que alguém possa entrar inesperadamente – ponha observadoras, tranque a porta antes de começar, preste atenção a algo suspeito.

Pequenos grupos podem caminhar e conversar; grandes grupos podem se reunir em ambientes externos tranquilos – fazer caminhadas ou acampar, se houver tempo – ou em salas privadas em prédios públicos, tais como salas de estudo em bibliotecas ou salas de aula vazias. Cenário ideal: embora ele não tenha idéia de que você está envolvida em uma ação direta, você é chegada do cara que tem um bar do outro lado da cidade, e ele não se importa de deixar você usar o espaço dos fundos por uma noite pra fazer uma festinha, sem perguntar nada.

FIQUE LIGADA NA CONFIABILIDADE DE QUEM ESTÁ EM TORNO DE VOCÊ, ESPECIALMENTE PESSOAS COM QUEM VOCÊ PODE COLABORAR EM ATIVIDADES CLANDESTINAS.

Esteja ciente de há quanto tempo você conhece as pessoas, do quanto é possível traçar seu envolvimento em sua comunidade e suas vidas fora dela, e como foi a experiência de outras pessoas com elas.

As amigadas com as quais você cresceu, se você ainda tem alguma em sua vida, podem ser as melhores comparsas pra ação direta, já que você está familiarizada com suas forças e fraquezas e os jeitos como elas lidam com a pressão – e você sabe de fato se elas são quem dizem que são. Assegure-se de confiar sua segurança e a de seus projetos apenas a pessoas sensatas que compartilham as mesmas prioridades e engajamento, e não têm nada a provar. No longo prazo, esforce-se para construir uma comunidade de pessoas com amigadas duradouras, experiência em atuação conjunta e laços com outras comunidades.

NÃO PERCA TEMPO SE PREOCUPANDO SE AS PESSOAS SÃO INFILTRADAS OU NÃO; SE SUAS MEDIDAS DE SEGURANÇA FOREM EFETIVAS, ISSO NÃO VAI IMPORTAR.

Não gaste sua energia e nem fique paranoica e anti-social suspeitando de todo mundo que você encontra. Se mantiver todas as suas informações sigilosas entre as pessoas envolvidas, só colaborar com amigas confiáveis e experientes cuja história é possível verificar, e nunca ceder nada sobre sua atividade privada, agentes policia e informantes não terão conseguirão reunir provas para usar contra você.

A CULTURA DE SEGURANÇA É UM TIPO DE ETIQUETA, UM MODO DE EVITAR DESENTENDIMENTOS DESNECESSÁRIOS OU CONFLITOS POTENCIALMENTE DESASTROSOS.

Essas preocupações não devem ser uma desculpa pra fazer outras pessoas se sentirem excluídas ou inferiores – embora possa ser delicado evitar isto! – assim como ninguém deve sentir que tem o “direito” de estar em algo que outras pessoas preferem manter reservado. Aqueles que violam a cultura de segurança de suas comunidades não devem ser repreendidos da primeira vez – não é questão de ser uma ativista foda o suficiente pra participar da panelinha, mas de estabelecer expectativas coletivas e ajudar as pessoas a entenderem sua importância, com gentileza: além disso, as pessoas tendem a aceitar críticas construtivas quando não estão na defensiva. No entanto, estas pessoas devem sempre saber imediatamente de que forma elas estão colocando outras em risco e quais consequências podem ocorrer se elas continuarem. Aquelas que não puderem atender a isso podem ser tática e efetivamente excluídas de todas as situações que mereçam cuidado.

A CULTURA DE SEGURANÇA NÃO É PARANOIA INSTITUCIONALIZADA, MAS UM MODO

DE EVITAR A PARANOIA DOENTIA DIMINUINDO RISCOS ANTECIPADAMENTE.

É contraproducente gastar mais energia com a preocupação de estar sob vigilância do que com medidas de diminuição do perigo, assim como é ruim ficar constantemente ressabiada e duvidando da autenticidade de suas potenciais comparsas. Uma boa cultura de segurança deve fazer com que todos se sintam mais – e não menos – relaxados e confiantes. Ao mesmo tempo, é igualmente improdutivo acusar aquelas que aderem a medidas de segurança mais rigorosas do que você de serem paranoicas – lembre-se, nossos inimigos estão aí pra nos pegar.

Uma boa cultura de segurança deve tornar praticamente irrelevante saber se esses vermes estão ativos em sua comunidade ou não. O importante não é se a pessoa é ou não envolvida com a polícia, mas se ela constitui ou não um risco de segurança; se ela é considerada insegura (duplo sentido intencional), nunca se deve permitir que acabe em uma situação em que a segurança de alguém dependa dela.

APRENDA E ACATE AS EXPECTATIVAS DE SEGURANÇA DE CADA PESSOA COM A QUAL

VOCÊ INTERAGIR, E RESPEITE AS DIFERENÇAS DE ESTILO.

Para colaborar com os outros, você tem que se certificar de que se sintam em casa contigo; mesmo que não esteja colaborando, não é bom deixá-los desconfortáveis ou ignorar um perigo que eles compreendem melhor que você. Quando se trata de planejar ação direta, não acatar a cultura de segurança adotada numa dada comunidade pode destruir não só as suas chances de cooperar com outros em um projeto, mas a possibilidade de o próprio projeto acontecer – por exemplo, se você mencionar, num contexto considerado inseguro, uma ideia que outras pessoas planejaram tentar, elas podem ser forçadas a abandonar o plano, uma vez que agora elas podem ser associadas a ele. Peça às pessoas para destacarem suas necessidades específicas de segurança antes mesmo de abordar o tema da ação direta.

PERMITA QUE AS OUTRAS PESSOAS SAIBAM EXATAMENTE QUAIS SÃO AS SUAS NECESSIDADES NO QUE TOCA À SEGURANÇA.

O fundamento de acatar as expectativas das outras é que você deve facilitar que acatem as suas. No início de qualquer relação na qual sua “vida política” privada possa se tornar um problema, enfatize que existem detalhes das suas atividades que você precisa manter consigo. Isso pode evitar um monte de situações dramáticas que já são bastante estressantes; a última coisa de que você precisa após retornar de uma missão secreta é terminar numa briga com a pessoa que ama: "Mas se você confia em mim, deveria me falar sobre isso! Como vou saber que não está por aí transando com ...?!" Não é uma questão de confiança - informação sigilosa não é uma recompensa para ser merecida ou não.

OLHE PARA AS OUTRAS PESSOAS.

Deixe claro às pessoas à sua volta quais riscos você pode trazer para elas com sua presença ou com ações que você tenha planejado – o máximo que conseguir sem violar outros preceitos da cultura de segurança. À medida que for capaz, deixe que saibam os riscos que você corre: por exemplo, se você pode ser presa (se existirem mandados pendentes pra você, se você for um imigrante sem documentos, etc.), quais responsabilidades você tem que manter, ou mesmo se você tem alguma alergia. Não ponha os outros em risco com suas decisões, ainda mais se não for capaz de dar apoio concreto caso aconteça de serem presos ou acusados por causa de seu comportamento.

Por exemplo, se alguém picha uma publicidade num local próximo a um fogo que você puser, a pessoa pode ser acusada de incêndio; e mesmo que a acusação não possa ser feita, seria uma merda bloquear acidentalmente a rota de fuga que foi planejada. Em uma manifestação, se você ajudar a iniciar um bloco que sai da zona autorizada, assegure-se de tentar manter o seu corpo entre a polícia e as outras pessoas que vêm junto mas não

necessariamente compreendem os riscos envolvidos; caso intensifique a ação com destruição de propriedade, certifique-se de que pessoas despreparadas não fiquem no meio da confusão quando a polícia aparecer. Sejam quais forem os projetos de risco com que você se comprometer, assegure-se de que você está preparada para agir com inteligência, de forma a que ninguém mais tenha que correr riscos inesperados para socorrê-la quando você cometer erros.

NÃO DEIXE QUE SUSPEITAS SEJAM USADAS CONTRA VOCÊ.

Se seus inimigos não podem aprender seus segredos, vão resolver voltar vocês uns contra os outros. Agentes à paisana podem espalhar boatos e acusações para criar discórdia, desconfiança e ressentimento entre grupos ou dentro de um coletivo. Podem falsificar cartas ou tomar medidas semelhantes. A mídia pode participar disso noticiando que existe um informante em um grupo quando não há, ou desvirtuando as políticas ou a história de um indivíduo ou grupo a fim de afastar potenciais aliados, ou enfatizar cada vez mais que existe um conflito entre duas vertentes de um movimento até que realmente elas desconfiem uma da outra. De novo, uma cultura de segurança adequada que fomente um nível convenientemente alto de confiança e confiança deve tornar esse tipo de provocação quase sem efeito no nível pessoal; quando se trata de relações entre proponentes de táticas e organizações diferentes, lembre-se da importância da solidariedade e da diversidade, e confie que os outros também estão fazendo isso mesmo que a mídia sugira o contrário. Não aceite rumores ou notícias como fatos: vá sempre à fonte para confirmá-las e seja diplomática.

NÃO SEJA INTIMIDADA POR BLEFES.

Atenção da polícia ou de vigilância não é necessariamente uma indicação de que eles sabem algo específico sobre seus planos ou

atividades: muitas vezes, indica que não sabem e que estão tentando assustá-la pra não dar continuidade a eles. Desenvolva um instinto com o qual possa sentir quando foi descoberta ou quando seus inimigos estão tentando induzi-la a fazer o trabalho deles.

ESTEJA SEMPRE PREPARADA PARA A POSSIBILIDADE DE ESTAR SENDO OBSERVADA, MAS NÃO CONFUNDA ATRAIR VIGILÂNCIA COM ESTAR SENDO EFICIENTE.

Mesmo se tudo o que você está fazendo estiver nos limites da lei, você ainda pode ser motivo de atenção e perseguição de investigadores se eles sentirem que você representa uma inconveniência para os chefes deles. Pensando bem, isso pode ser benéfico: quanto mais eles tiverem que monitorar, quanto mais dispersarem energias, mais difícil será identificarem e neutralizarem subversivos. Entretanto, não caia na excitação de estar sob vigilância e nem comece a pensar que, quanto mais as autoridades prestam atenção em você, mais perigosa você está sendo para eles – eles não são tão espertos. Eles tendem a ficar preocupados com as organizações de resistência cujas abordagens se assemelham à sua própria; tire vantagem disto. As melhores táticas são as que alcançam pessoas, marcam pontos e exercem influência sem que os radares consigam captar esses poderes, pelo menos não até que seja tarde demais... O ideal é que suas atividades sejam bem conhecidas por todo mundo, exceto as autoridades.

A CULTURA DE SEGURANÇA ENVOLVE UMA ÉTICA DE SILÊNCIO, MAS NÃO É UMA ÉTICA SEM VOZ.

As histórias de nossas façanhas na luta contra o capitalismo devem ser contadas de alguma forma, para que todo mundo saiba que a resistência é fértil e é uma possibilidade real colocada em prática por pessoas reais; incitação aberta à insurreição deve ser feita, assim possíveis revolucionários podem achar-se uns aos outros e os sentimentos

revolucionários enterrados nos corações das massas podem encontrar o caminho pra superfície. Uma boa cultura de segurança deve preservar segredos na medida necessária para que os indivíduos estejam seguros em suas atividades encobertas, enquanto continua proporcionando visibilidade para perspectivas radicais. A maior parte da tradição de segurança no meio ativista de hoje é derivada dos últimos trinta anos de ações pelos direitos animais e pela libertação da terra. Dessa forma, ela é perfeitamente adequada para as necessidades de pequenos grupos que realizam atos ilegais isolados, mas nem sempre é apropriada para campanhas com visibilidade pública que pretendem encorajar a insubordinação generalizada. Em alguns casos, faz sentido quebrar a lei abertamente, afim de provocar a participação de uma massa que pode proporcionar segurança em números.

EQUILIBRE A NECESSIDADE DE ESCAPAR DA DETECÇÃO DE SEUS INIMIGOS COM A DE ESTAR ACESSÍVEL A POTENCIAIS AMIGOS.

No longo prazo, o segredo não é suficiente para nos proteger: cedo ou tarde eles vão achar todos nós, e se ninguém entender o que estamos fazendo e aquilo que queremos eles serão capazes de nos liquidar com impunidade. Só o poder de pessoas informadas e solidárias pode nos ajudar. Sempre deve haver formas de entrar em comunidades nas quais a ação direta é praticada, de modo que mais e mais pessoas possam participar. Aqueles que fazem coisas realmente sérias devem mantê-las para si, é claro, mas cada comunidade deveria ter também uma ou duas pessoas que falem publicamente em sua defesa e “eduquem” sobre ações diretas, e que possam discretamente ajudar novatas dignos de confiança a se conectarem com outras, iniciando-as.

QUANDO PLANEJAR UMA AÇÃO, COMECE ESTABELECEANDO UM NÍVEL DE SEGURANÇA APROPRIADO A ELA, E AJA DE ACORDO A PARTIR DAÍ.

Aprender a avaliar os riscos decorrentes de uma atividade ou situação e a encontrar a forma adequada de lidar com eles, é crucial não apenas para você não ser presa. Também ajuda a saber com o que você está sendo descuidada, assim você não gasta em medidas de segurança exageradas sem justificativa.

Tenha em mente que uma determinada ação pode ter aspectos diferentes, que exigem graus diferentes de segurança. Tente manter essa distinção. Aqui está um *exemplo de um sistema de classificação possível* para os níveis de segurança:

1 – Só aquelas que estão diretamente envolvidas na ação sabem da sua existência.

2 – Pessoas de apoio, que sejam de confiança, também sabem sobre a ação, mas todas as pessoas no grupo decidem em conjunto quem serão elas.

3 – É aceitável para o grupo convidar pessoas que podem escolher não participar – isto é, algumas pessoas fora do grupo podem saber sobre a ação, mas espera-se que a mantenham em segredo.

4 – O grupo não define uma lista restrita de quem será convidado; participantes são livres pra convidar outros e encorajá-los a fazer o mesmo, enfatizando que o conhecimento da ação é pra ser mantido dentro dos círculos daqueles que podem ter segredos confiados.

5 – “Rumores” da ação podem ser espalhados larga e abertamente pela comunidade, mas a identidade daquelas no centro da organização deve ser mantida em segredo.

6 – A ação é anunciada abertamente, mas com pelo menos algum grau de distinção, de modo que não desperte a atenção das autoridades.

7 – A ação é totalmente anunciada e aberta de todas as formas.

Exemplos de situações:

Nível de segurança #1 seria adequado para um grupo que planeja incendiar uma revendedora de carros de luxo;

Nível #2 para aquelas que planejam atos menores de destruição de propriedade, como pichações;

Níveis #3 ou *#4* para chamar uma grande assembleia antes de um bloco negro em uma grande manifestação, ou para um grupo que planeja criar uma capa de jornal, dependendo do grau de risco versus a necessidade de números;

Nível #5 para um projeto como iniciar uma marcha surpresa não

permitida: por exemplo, certa vez correu o boato de que uma performance artística com milhares de pessoas terminaria com uma marcha antiguerra “espontânea”, e assim as pessoas puderam se preparar para ela – mas como ninguém soube de quem era a ideia, ninguém pôde ser apontado como organizador.

Nível #6 para divulgar uma Bicletada/Massa Crítica: panfletos são colocados na bicicleta de cada cidadão, mas a divulgação é enviada para os jornais, de forma que a polícia não esteja no início enquanto a massa ainda é vulnerável;

Nível #7 para uma marcha antiguerra permitida, ou exibição de um vídeo da mídia independente – a menos que vocês sejam tão paranoicos que queiram manter a comunidade por fora dos projetos.

Também faz sentido pensar na escolha dos meios de comunicação que vocês vão usar de acordo com o nível de segurança exigido. Aqui está um exemplo de **diferentes níveis de segurança de comunicação**, que correspondem ao sistema referido acima:

1 - Sem comunicação sobre a ação a não ser pessoalmente, fora das casas das envolvidas, em ambientes livres de vigilância (por exemplo, o grupo vai acampar para discutir os planos); nenhuma discussão sobre a ação, exceto quando for absolutamente necessário.

2 - Fora das reuniões do grupo, indivíduos envolvidos são livres para discutir a ação em espaços livres de vigilância.

3 - Discussões são permitidas nas casas que com certeza não estão sob vigilância.

4 - Comunicação por e-mail criptografado ou em linhas telefônicas neutras é aceitável.

5 - As pessoas podem falar sobre a ação por telefone, e-mail, etc., desde que tomem cuidado para não dar certos detalhes: quem, o quê, quando, onde.

6 - Telefone, e-mail etc. estão liberados. Listas de discussão, panfletagem em espaços públicos, anúncios de jornal etc. podem ou não ser aceitáveis, de acordo com o caso.

7 - Comunicação e proclamação em qualquer meio possível são incentivadas.

Se você mantiver qualquer informação perigosa fora de circulação e seguir medidas de segurança convenientes em cada projeto de que se encarregar, irá bem em seu caminho para cumprir o que alguém descreveu como o primeiro dever de um revolucionário: NÃO SER PEGA!

Boa sorte com suas aventuras e desventuras.

...e lembre-se: você não ouviu isso da gente!

-
- A língua portuguesa segue uma premissa muito machista por se referir aos vocativos e adjetivos, de maneira geral pelo masculino. (E não só. Se houver 20 mulheres e 1 homem, mesmo assim a essa coletividade é dado um nome masculino, graças a nossa 'norma culta'). Já que estamos no exercício de tentar nos libertar de uma lógica vertical/imposta/de cima, brincamos com isso no texto e, assim, colocamos vocativos e adjetivos que ainda possuem gênero no feminino.